

Memórias de um Sargento de Milícias

Roteiro de Leitura
Carlos Rogério D. Barreiros

Manuel Antônio de Almeida

O AUTOR

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 1831. Ingressou na faculdade de medicina aos dezessete anos, mesmo período em que escrevia no *Correio Mercantil*.

Publicou seus primeiros poemas aos dezoito anos. Em 1852, passou a publicar semanalmente, num suplemento humorístico do *Correio Mercantil* chamado *A Pacotilha*, as *Memórias de um Sargento de Milícias*, com o pseudônimo “Um brasileiro”. Em 1854 e 1855, o texto foi publicado em forma de livro. Faleceu no navio “Hermes”, em 1861. No ano de 1863, *Memórias de um Sargento de Milícias* foi publicado com o nome real de seu autor, Manuel Antônio de Almeida.

RESUMO DO ENREDO

As aventuras de Leonardo, herói das *Memórias de um Sargento de Milícias*, filho de Leonardo Pataca e de Maria da Hortaliça, são o núcleo da narrativa. Seus pais, imigrantes portugueses, conheceram-se a bordo do barco que os trouxe ao Brasil, depois de uma pisadela no pé direito e de um beliscão:

Ao sair do Tejo, estando Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

O nascimento de Leonardo foi inevitável sete meses depois; sua caracterização é marcante:

... sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Aos sete anos, “... quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa...”.

Maria da Hortaliça não era fiel a seu companheiro. Depois de flagrá-la com alguém que escapa pela janela, Leonardo Pataca, num assomo de raiva, chuta o pequeno Leonardo para fora de casa e perde Maria, que foge. Apesar de abandonado pelos pais, Leonardinho — como chamaremos a Leonardo filho neste texto — conta — não só nesse momento, mas ao longo de toda a vida — com a proteção e o afeto de várias personagens: expulso de casa, passa a viver com o padrinho, que era barbeiro e que cuida dele durante anos. Sua madrinha, parteira e “papa-missas”, também o ajudará.

Afeiçoado pelo menino, o barbeiro fazia vistas grossas às suas malandragens. O plano do padrinho era que Leonardo fosse clérigo. Porém, na escola, ele era o gazeteador-mor de sua sala — o aluno que mais “matava” aulas —, que diariamente tomava bolos do professor; na Igreja, como coroinha, com um outro pequeno sacristão, fazia todo o tipo de travessuras: vingou-se de uma vizinha que não gostava dele e expôs publicamente o caso do reverendo com uma cigana.

Na primeira parte do livro, embora o narrador afirme que o herói é Leonardo filho, também as trapalhadas de Leonardo, o pai, são relatadas. Metido em problemas amorosos com a cigana, que também tinha um caso com o reverendo da Sé, Pataca é preso em um ritual de Fortuna — macumba — pelo Major Vidigal, temida autoridade policial da época do reinado de Dom João VI no Brasil:

“Nesse tempo ainda não estava organizada a polícia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendências e idéias da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação para as sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia enfim uma espécie de inquirição policial.”

Para conseguir a soltura depois de ser preso por Vidigal, Leonardo Pataca é ajudado por um tenente-coronel que lhe devia um favor. Fora da prisão, envia a uma festa na casa da cigana um valentão que batia por dinheiro, o Chico Juca, para arrumar uma briga. É nessa confusão que o caso da cigana com o reverendo acaba revelado de fato:

“No mesmo instante viu aparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de cerimônias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivela, e solidéu à cabeça. Apesar dos apuros em que se achavam, todos desataram a rir: só ele e a cigana choravam de envergonhados.”

Depois de reatar brevemente suas relações com a cigana, Leonardo Pataca relaciona-se com Chiquinha, com quem se casará — há aqui um pequeno defeito na narrativa, atribuído a Manuel Antônio de Almeida: ao citar Chiquinha pela primeira vez, o narrador afirma que ela é sobrinha da comadre; no início do segundo volume, afirma que ela é filha da comadre.

As aventuras de Leonardinho tornar-se-ão, nesse momento, o único núcleo das *Memórias* e uma importante personagem surgirá: Dona Maria, velha rica que também protegerá o protagonista.

“D. Maria tinha bom coração, era benfazeja, devota e amiga dos pobres, porém em compensação dessas virtudes tinha um dos piores vícios daquele tempo e daqueles costumes: era a mania de demandas. Como era rica, D. Maria alimentava esse vício largamente; as suas demandas eram o alimento da sua vida; acordada pensava nelas, dormindo sonhava com elas...”

É na casa de D. Maria que Leonardo, já jovem e ainda absolutamente desocupado, se encantará por Luisinha, sobrinha abastada da velha das demandas. No entanto, há um entrave para a paixão de Leonardo: é José Manuel, rival que usará de todos os artifícios para conquistar Luisinha.

Depois da morte do barbeiro, o herói da narrativa será obrigado a ir morar com seu pai, Chiquinha, uma meia-irmã já nascida e a parteira. O convívio com a madrastra é insuportável, e Leonardinho abandona a casa. Enquanto os desentendimentos ocorriam, a parteira havia tentado afastar José Manuel de Luisinha para favorecer o afilhado, mas a distância de Leonardinho dá espaço ao rival, que acaba conseguindo casar-se com a jovem graças à influência, junto à Dona Maria, de um mestre de reza — espécie de “professor de oração”, velho e cego, que ensinava a rezar a criadagem da velha.

Longe de casa, Leonardo reencontra seu velho amigo de travessuras da igreja. É esse rapaz que lhe fará conhecer um novo amor, Vidinha, moça bonita de voz encantadora, de uma família composta de duas viúvas — a mãe de Vidinha e sua irmã — e seis jovens, três filhos de uma, empregados no exército e três filhas de outra. Apaixonado, Leonardo agrega-se a essa família para conquistar a mais bela das irmãs, mas encontra a resistência de dois dos primos, que tinham a mesma finalidade. Prestes a abandonar a casa, depara-se com a madrinha, que o havia localizado. Rapidamente ela ganha a amizade e a simpatia das viúvas. Em uma *patuscada* (festa familiar), os rivais do memorando arranjam que ele seja preso pelo Vidigal, por vadiagem, porém ele escapa das garras do policial e retorna ao convívio da casa. Para livrá-lo da acusação dos dois irmãos e da perseguição de Vidigal, que jurava vingança por ter perdido uma presa, a comadre lhe arruma emprego na ucharia-real, o depósito de mantimentos do rei, perdido à custa de um flerte com a mulher do toma-largura, apelido que se dava a criados do rei.

Enciumada por causa desse episódio, Vidinha vai à ucharia fazer escândalo; acompanhando-a para persuadi-la do contrário, Leonardinho acaba finalmente preso pelo Vidigal, que fará dele um granadeiro de sua patrulha. Aliviada, Vidinha retorna a casa, não sem encantar o toma-largura que, espertalhão e conquistador, se aproxima da família das duas viúvas. Em uma patuscada, o *don juan* é preso por beber demais: é Leonardo quem se encarrega dessa tarefa.

Mesmo ligado à tropa de Vidigal, Leonardo não deixa de ser malandro e prega peças em seu superior — livra da perseguição o Teotônio, um piadista —, o que lhe rende a prisão definitiva, da qual só sairá depois da intervenção de Dona Maria, da comadre e de Maria Regalada, amor antigo de Vidigal, que intercede junto a ele em nome do herói. Em troca da liberdade de Leonardo, Maria Regalada cede ao desejo de Vidigal e mora em sua companhia. Livre e com o cargo de sargento da companhia de granadeiros, Leonardo casa-se com Luisinha após a morte de José Manuel. Como sargentos da ativa não podiam casar-se, ganha o título de *sargento de milícias*, que dá título ao texto.

PARA ENTENDER AS “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS”

Depois de ler o romance, poderíamos classificar as personagens das *Memórias de um Sargento de Milícias* de duas maneiras:

- I. **Personagens ligadas ao plano da ordem:** Dona Maria, o Compadre barbeiro e a Comadre parteira — só para citar os mais relevantes — são personagens que respeitam a *ordem* vigente, isto é, possuem alguma ocupação e, de maneira geral, respeitam a lei. A personagem mais expressiva desse plano é o Major Vidigal, que persegue os vadios, os bêbados, os briguentos e os festeiros, ou seja, faz valer a ordem;
- II. **Personagens ligadas ao plano da desordem:** a cigana, o Chico Juca, todos os que fazem parte do ritual da Fortuna, o Teotônio, piadista perseguido por Major Vidigal, que acaba se safando com a ajuda de Leonardo, e outros que de alguma forma estão à margem da ordem.

Classificadas de acordo com esse critério, seria possível dispô-las em um diagrama:

Plano da ordem	Major Vidigal, Dona Maria, Barbeiro, Parteira, Luisinha, as duas viúvas, Padre da Sé e outros
Plano da desordem	a cigana, o Chico Juca, todos os que fazem parte do ritual da Fortuna, o Teotônio e outros

No entanto, a leitura cuidadosa do romance nos leva a entender que a divisão acima parece ser imperfeita. Basta investigar cuidadosamente as descrições das personagens e suas ações ao longo do romance: o Barbeiro, ainda que seja ligado ao plano da ordem por ter um ofício e por ter acolhido o pequeno herói abandonado pelos pais, conquistou pequeno cabedal tomando posse de uma fortuna que não era sua, ainda jovem; o Padre da Sé, embora fosse um representante da Igreja, tinha um caso amoroso com a cigana; o Major Vidigal, mesmo perseguindo todos os *vadios* do plano da desordem, concedeu facilmente a liberdade a Leonardo em troca dos afetos de Maria Regalada. Enfim, qualquer uma das personagens do plano da ordem, ainda que brevemente, transita rapidamente pelo plano da desordem. Podemos, pois, imaginar uma nova configuração para o diagrama acima:

Plano da ordem	Major Vidigal, Dona Maria, Barbeiro, Parteira, Luisinha, as duas viúvas, Padre da Sé e outros
Familiares de Leonardo, elos entre a ordem e a desordem	Leonardo Pataca, Maria da Hortaliça e Leonardo filho
Plano da desordem	a cigana, o Chico Juca, todos os que fazem parte do ritual da Fortuna, o Teotônio e outros

Agora podemos representar mais fielmente o que ocorre no romance: de fato, as personagens do plano da ordem transitam para o plano da desordem e vice-versa. Leonardo Pataca — meirinho, representante da justiça, que, no entanto, acaba preso por prática de Fortuna —, sua companheira — uma adúltera, que abandona o pequeno Leonardo — e o herói da história podem ser considerados os elos entre os dois planos. O protagonista também não foge à regra: ora no plano da ordem — quando trabalha na ucharia-real ou quando se torna granadeiro de Vidigal —, ora no plano da desordem — quando perde os dois empregos por irresponsabilidade e diversão —, Leonardo representa a verdadeira dinâmica das *Memórias*: uma representação curiosa do Brasil do início do século XIX, do “tempo do rei”. Segundo o crítico literário Antonio Candido:

“Diversamente de quase todos os romances brasileiros do século XIX, mesmo os que formam a pequena minoria dos romances cômicos, as ‘Memórias de um sargento de milícias’ criam um universo que parece liberto do erro e do pecado. Um universo sem culpabilidade e mesmo sem repressão, a não ser a repressão que pesa o tempo todo por meio do Vidigal e cujo desfecho já vimos. O sentimento do homem aparece nele como uma espécie de curiosidade superficial, que põe em movimento o interesse dos personagens uns pelos outros e do autor pelos personagens, formando a trama de relações vividas e descritas. A esta curiosidade corresponde uma visão muito tolerante, quase amena. As pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas também fazem outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos têm defeitos, ninguém merece censura.”

Para entender por que não há culpabilidade no universo das *Memórias*, é preciso entender a sociedade brasileira do “tempo do rei” em que se inserem as ações do livro. Leia o pequeno fragmento do capítulo X da segunda parte, em que o narrador relata as relações entre Leonardo e a família de Vidinha, afirmando que aquele se tornou agregado desta:

“Ninguém se admire da facilidade com que se faziam semelhantes coisas; no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando, nada havia mais comum do que ter cada casa um, dois, e às vezes mais agregados.

Em certas casas, os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes, porém, e estas eram em maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.”

Os agregados eram parte de uma classe social típica da sociedade brasileira do século XIX, os homens livres na ordem escravocrata, ou seja, homens livres que, em uma sociedade escravista, não possuíam bens e, por conseqüência, necessitavam do *favor* dos poderosos para sobreviver, nas palavras do crítico literário Roberto Schwarz:

“Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexo efetivo da vida ideológica. A chave desta era diversa. Para descrevê-la é preciso retomar o país como um todo. Esquematizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários, nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é sua caricatura.”

Ocorre, portanto, com todos os habitantes dessa classe social um fenômeno ímpar: se, por um lado, os homens livres no Brasil do século XIX se assemelham aos senhores por não serem escravos, por outro lado, assemelham-se aos escravos por dependerem dos favores dos *grandes*.

Parece-nos que a afirmação acima tem tudo que ver com o romance de Manuel Antônio de Almeida, já que todas as personagens das *Memórias de um Sargento de Milícias* pertencem à classe dos brancos livres. Salvo Dona Maria, velha abastada, todas elas precisam trabalhar para a sobrevivência — Leonardo Pataca é meirinho, Major Vidigal é policial, a comadre é parteira, o compadre é barbeiro, os primos de Vidinha são membros do exército etc. — o que demonstra que estamos no “mundo” dos brancos livres; simultaneamente, não há, no romance, personagens da classe social dos senhores ou da classe dos escravos, de modo que não podemos notar a violenta relação de força que se estabelecia entre senhores e negros, nem a de favor entre brancos livres e senhores. O que nos resta no romance de Manuel Antônio de Almeida é a ambigüidade moral — o trânsito entre o plano da ordem e da desordem — que é representação da ambigüidade da classe social em que se inseriam suas personagens: *Nem proprietários, nem proletários*, dependiam da prática do *favor* — que superava qualquer espécie de valor moral — para sobreviver. Estabelece-se, pois, o mundo sem culpa que pudemos observar.

“ERA NO TEMPO DO REI”

Com a frase acima, Manuel Antonio de Almeida inicia as *Memórias de um Sargento de Milícias*. Segundo o crítico literário Antonio Candido, no texto *Dialética da Malandragem*, as *Memórias* se organizam por meio da dinâmica que observamos acima, ou seja, o trânsito das personagens do plano da ordem para o plano da desordem e vice-versa. Qual seria, então, a intenção do autor ao situar as personagens “no tempo do rei”?

Segundo o crítico, as descrições do Rio de Janeiro do século XIX que aparecem em toda a narrativa nos dão a impressão de que a intenção de Manuel Antônio de Almeida era escrever um *romance documentário*, análise consagrada entre os críticos brasileiros durante um bom período. No entanto, um romance desse gênero seria valioso se reproduzisse com fidelidade a sociedade e os costumes de determinada época e de determinado espaço; não é o que ocorre nas *Memórias*, já que, como vimos, suas personagens são de apenas uma classe social das três que compunham o Brasil:

“Restrito espacialmente, a sua ação decorre no Rio, sobretudo no que são hoje as áreas centrais e naquele tempo constituíam o grosso da cidade. Nenhum personagem deixa o seu âmbito e apenas uma ou duas vezes o autor nos leva ao subúrbio, no episódio do Caboclo do Mangue e na festa campestre da família de Vidinha.

Também socialmente a ação é circunscrita a um tipo de gente livre modesta, que hoje chamaríamos pequena burguesia.”

Da mesma maneira, há ainda episódios em que a exposição de costumes do Rio de Janeiro do tempo do rei não se encaixa perfeitamente às ações do texto, como se tivéssemos a impressão de que as descrições estão “soltas”, sem finalidade alguma. Para o respeitado crítico literário, são fragmentos como esses — que foram considerados a força da narrativa por um bom tempo — o ponto fraco do romance de Manuel Antônio de Almeida. Só terão valor, para Antonio Candido, as descrições que aparecerem conectadas à trama de modo que lhe confirmem “impressão de realidade”. Caso contrário, o livro poderia ser considerado bem escrito por ser uma seqüência de quadros descritivos, e já vimos que sua força está contida em outro núcleo. Na verdade, o que ocorre é que os “quadros” colaboram com a dinâmica da ordem e da desordem que vimos acima, associados ao que se pode chamar a “costela folclórica” das *Memórias*.

Note que algumas das personagens — inclusive o pequeno Leonardo — seguem alguns modelos folclóricos de caracterização, até mesmo porque são nomeadas pelo seu ofício. É o caso do barbeiro e da parteira. Agora, lembre-se da conhecida fábula da cigarra e da formiga, em que poderíamos entender esta como figuração do trabalho e aquela, da preguiça e do desfrute da vida. Ninguém precisa, depois de ter lido várias vezes livros de fábulas e assistido a inúmeros desenhos animados, de um “guia” para saber que *raposas* representam *astúcia*, *ovelhinhas* representam *inocência* e assim por diante. O mesmo ocorre com as personagens das *Memórias*: o Major Vidigal é o típico *estraga-prazeres*; Leonardinho é o típico *malandro*, inimigo do Major, por consequência; Luisinha é a típica *menina-moça-donzela-envergonhada* que será conquistada pelo malandro etc. Acrescente-se a esses modelos a tradição cômica da imprensa escrita brasileira e teremos mais um alicerce do romance.

A impressão de realidade das *Memórias* deriva justamente da combinação dos três elementos investigados acima: a) dinâmica da ordem / desordem; b) quadros descritivos do Rio do século XIX; e c) costela folclórica e humorística do texto. Imagine o seguinte: a impressão de realidade, que, em primeira análise, deveria ter origem nos quadros descritivos, empobreceria o texto, se ele fosse apenas uma seqüência de cenas típicas do Rio do tempo do rei. Teríamos a sensação de ler um livro velho, de palavras difíceis e sem qualquer contato com nossa realidade (é o que ocorre quando assistimos a um filme que foi escândalo ou sucesso em décadas passadas: as roupas das personagens são estranhas, seus penteados nos causam risos etc. Um filme bem feito, ainda que seja de época, diz mais a respeito do tempo que o fez do que do tempo que retrata). É a costela folclórica que confere ao texto a sensação de *atemporalidade* em que as *Memórias* estão inseridas: apesar de as personagens viverem no tempo do rei, elas nos dão a impressão de serem nossas conhecidas já de outros textos. Mas, ainda assim, ficaria a sensação de que não é preciso, portanto, contar aquelas aventuras no tempo do rei, porque elas poderiam ocorrer em qualquer tempo (poderiam ocorrer até com animais em uma fábula como vimos). Finalmente, entra em cena a dinâmica da ordem / desordem, característica do Brasil do século XIX, como vimos, que ata os aspectos anteriores: aquele cenário exige esta dinâmica; aquelas personagens, ainda que imemoriais, são ditadas pela ausência de moral.

ANÁLISE DE UM FRAGMENTO

Analisemos, pois, um fragmento do texto em que os conceitos acima observados possam se tornar mais claros. Alguns trechos do capítulo VII do primeiro tomo do livro, “A Comadre”, vão nos servir de exemplo:

“Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até um certo ponto, e finória até outro; vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exata de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de cor os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual à ladainha, ao terço, à novena, ao setenário; não lhe escapava via-sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuído e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar à igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia à das 8 na Sé, e daí saindo pilhava ainda a das 9 em Santo Antônio.”

Temos acima a descrição da comadre parteira que se encaixa à análise que fizemos sobre a dinâmica da ordem / desordem: a comadre é ingênua e ao mesmo tempo *finória*, ou seja, esperta. Sua caracterização é ambígua, assim como seu caráter, como se observa em suas ações em passagens futuras: como nutre carinho desmedido por Leonardo, acaba por cometer um ato moralmente condenável (mente para Dona Maria para tentar garantir o casamento do afilhado com Luisinha). Sabe-se também que ela é a *mais desabrida papa-missas da cidade*, ou seja, freqüentadora assídua das missas do Rio de Janeiro. Esta é a porta de entrada para a descrição de alguns costumes típicos dessa cidade no século XIX: já vimos o horário das missas e em que lugar ocorriam. Veremos agora como se vestiam as *papa-missas*:

“O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias dúplices, em vez de lenço à cabeça, o cabelo era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de crisólitas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso espanhol; porém a mantilha espanhola, temos ouvido dizer, é uma coisa poética que reveste as mulheres de um certo mistério, e que lhes realça a beleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a coisa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais freqüentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.”

O retrato dos trajes típicos das freqüentadoras das missas do tempo do rei se ajusta perfeitamente à dinâmica da ordem / desordem no que diz respeito à parteira: se, por um lado, ela é ingênua — daí sua freqüência às missas, prática típica do plano da ordem —, por outro ela é *finória*: cochichava-se na missa, e a prática da fofoca também faz parte do caráter da parteira. Note-se, também, que a *mulher faladeira*, daquela que sabe de tudo e de todos, tem algo de folclórico:

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia. Muito agitada e cheia de acidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia notícia dele, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:

— *É o que lhe digo: a saloiazinha era da pele do tinhoso!*

— *E parecia uma santinha... e o Leonardo o que lhe fez?*

— *Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ela abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava dela como de uma senhora!...*

— *E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão...*

— *O padrinho tomou conta dele; quer-lhe um bem extraordinário... está maluco o coitado do homem, diz que o menino há de por força ser padre... mas qual padre, se ele é um endiabrado!...*

Nesta ocasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos.

Era uma delas a vizinha do compadre, que prognosticava mau fim ao menino, e com quem ele prometera fazer uma estralada; a outra era uma das que tinham estado na função do batizado.

A comadre, apenas ouviu isso, foi procurar o compadre; não se pense, porém, que a levava a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa matéria para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados.

Ora, se o interesse da comadre sobre o episódio da briga de Leonardo Pataca com Maria da Hortaliça é apenas a curiosidade, a chance de ter o que comentar nos partos e na igreja, observamos que o *retrato do cotidiano* — as vestes, os adereços, a freqüência à igreja — vai ao encontro das características da *personagem folclórica* — a senhora fofqueira cuja preocupação é a vida dos outros, para comentá-la com terceiros — descrita rigorosamente de acordo com a dinâmica da ordem/desordem — a freqüentadora da igreja, que o faz apenas para fofocar.

